

**E**

sta edição da **Revista de Manguinhos** traz como reportagem de capa um tema de extrema relevância para os nossos dias, que está contemplado na Política de Saúde e Ambiente da Fiocruz. A relação da Fundação com este campo vem de longe. O desenvolvimento sustentável sempre foi uma marca da Fiocruz, que assumiu a perspectiva de construção de uma sociedade inclusiva, desenvolvida e ambientalmente justa no decorrer do século 20, objetivo que se prolonga e se torna mais robusto neste século 21. Isso se refletiu na busca de conhecimento para enfrentar doenças nos sertões do Brasil, em um *campus* que permanece como área preservada no Rio de Janeiro, na ampla participação na Rio-92 e na Rio+20 e agora na Agenda 2030, na luta junto aos movimentos sociais por uma agenda que inclua a saúde como valor e direito humano, entre muitas outras iniciativas. São exemplos da trajetória da Fundação na consolidação de um Estado com cidadania plena e no qual se fortaleçam as políticas de saúde e ambiente.

Ainda neste número, um texto aborda a descoberta de que os anticorpos monoclonais – produzidos em laboratório mediante técnicas de biotecnologia – têm alto potencial de aplicação contra o vírus zika. A evidência foi demonstrada em uma pesquisa da qual participaram cientistas americanos, do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) e da USP. Também nas páginas seguintes, noticiamos o estudo que mapeia a dispersão do agente etiológico da febre amarela no país. E, na seção *Fio da História*, o foco é o artigo que analisa como os obstáculos impostos pelo ambiente estimularam a criatividade dos colonizadores portugueses no século 16.

Boa leitura!

**Nísia Trindade Lima**

Presidente da Fundação Oswaldo Cruz

---

Foto: detalhe de uma das torres do Castelo da Fiocruz

